Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95717, 2026 - DOI:10.5902/2176148595717 - ISSN 2176-1485
Submissão: 11/03/2026 Aprovação: 08/10/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

A linguagem dos quadrinhos e a representação do autismo em Nori e eu: contribuições dos estudos de quadrinhos para o diálogo com a psicologia

The language of comics and the representation of autism in Nori and I: contributions of comics studies to a dialogue with psychology

Alessandra Hypolita Drumond Valle Silva Lopes [I*]
Nataniel dos Santos Gomes [II]

Resumo: Este artigo analisa como a linguagem dos quadrinhos pode contribuir para a compreensão de experiências associadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), estabelecendo um diálogo entre os estudos de quadrinhos e reflexões provenientes da psicologia. A partir de contribuições teóricas sobre a narrativa gráfica, examinam-se recursos formais — como sequencialidade, organização da página e articulação entre texto e imagem — na HQ brasileira *Nori e eu*, de Masanori Ninomiya e Sonia Ninomiya. A análise discute de que modo esses elementos narrativos permitem representar percepções sensoriais e situações de interação social associadas ao autismo, evidenciando o potencial dos quadrinhos como meio de representação de experiências relacionadas ao TEA e como objeto de análise em diálogo com a psicologia. O referencial teórico sobre o autismo é ampliado com contribuições da psicologia do desenvolvimento, da psicologia cognitiva e dos estudos da neurodiversidade, permitindo uma aproximação mais consistente entre a análise formal dos quadrinhos e a compreensão das experiências subjetivas associadas ao TEA.

Palavras-chave: Quadrinhos; Autismo; Representação; Neurodiversidade; Psicologia

Abstract: This article analyzes how the language of comics can contribute to the understanding of experiences associated with Autism Spectrum Disorder (TEA), establishing a dialogue between comics studies and reflections from psychology. Drawing on theoretical contributions on graphic narrative, formal elements—such as sequentiality, page layout, and the relationship between text and image—are examined in the Brazilian comic *Nori e Eu*, by Masanori Ninomiya and Sonia Ninomiya. The analysis discusses how these narrative elements enable the representation of sensory perceptions and situations of social interaction associated with autism, highlighting the potential of comics both as a medium for representing experiences related to TEA and as a subject of analysis in dialogue with psychology. The theoretical framework regarding autism is broadened by contributions from developmental psychology, cognitive psychology, and neurodiversity studies, allowing

[I] Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, MG, Brasil
[II] Universidade Estadual de Mato Grossod do Sul, Campo Grande, MS, Brasil
[*] Autor correspondente – alessandra@animarh.net.br

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

for a more consistent connection between the formal analysis of comics and the understanding of subjective experiences associated with TEA.

Keywords: Comics; Autism; Representation; Neurodiversity; Psychology

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os estudos de quadrinhos consolidaram-se como um campo de investigação interdisciplinar, voltado à compreensão das especificidades dessa linguagem e dos modos como ela articula dimensões visuais e verbais na construção narrativa. Diferentes abordagens teóricas têm investigado os quadrinhos, destacando aspectos como a relação entre texto e imagem, a sequencialidade das imagens e o papel da página na organização da leitura. Essas perspectivas permitem compreender os quadrinhos como uma forma narrativa própria, cuja estrutura gráfica e sequencial participa diretamente da produção de sentido.

Durante muito tempo, os quadrinhos foram considerados uma forma menor de narrativa, associada predominantemente ao entretenimento. Contudo, a consolidação dos estudos de quadrinhos demonstrou a complexidade de sua linguagem e a riqueza de seus recursos expressivos. Como aponta Moacy Cirne, as histórias em quadrinhos permaneceram durante muito tempo à margem do interesse crítico e acadêmico. O desenvolvimento de pesquisas sobre o tema contribuiu para evidenciar as potencialidades estéticas e narrativas desse meio (Cirne, 2000, p. 12).

Entre as questões que têm despertado interesse nesse campo está a capacidade dos quadrinhos de abordar dimensões complexas da experiência humana. A articulação entre imagem e texto possibilita explorar aspectos da percepção, da memória e da emoção por meio de estratégias narrativas próprias da narrativa gráfica, como metáforas visuais, variações de enquadramento e organização espacial da página.

Os quadrinhos têm se mostrado um meio particularmente fértil para a representação de experiências associadas às neurodiversidades, em especial o Transtorno do Espectro Autista (TEA)[1]. A possibilidade de visualizar estímulos sensoriais, organizar ritmos narrativos por meio da disposição dos quadros e explorar recursos gráficos como repetição de imagens ou fragmentação da página permite sugerir diferentes modos de percepção sensorial e de interação com o ambiente.

[1] O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5 TR) como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. A noção de "espectro" refere-se à ampla variação na forma e na intensidade dessas características entre diferentes indivíduos (DSM-5-TR, 2023). É importante ressaltar que abordagens contemporâneas, como os estudos da neurodiversidade, questionam a ênfase exclusiva em déficits e propõem uma compreensão do autismo como uma variação do funcionamento humano, com potencialidades e desafios específicos (Kapp, 2020; Ortega, 2009).

Essas possibilidades expressivas também têm despertado interesse em outros campos do conhecimento, entre eles a psicologia. Ao representar experiências perceptivas, emocionais e sociais por meio de estruturas visuais e narrativas específicas, os quadrinhos oferecem um campo de reflexão relevante para discussões relacionadas à subjetividade, à percepção e às formas de interação social.

É nessa seara que se insere a questão central que orienta este artigo: de que maneira a linguagem dos quadrinhos pode contribuir para a representação de experiências associadas ao autismo? Mais especificamente, busca-se compreender como recursos formais da narrativa gráfica — como sequencialidade, organização da página, enquadramento, ritmo visual e articulação entre texto e imagem — podem auxiliar na construção de representações narrativas relacionadas à percepção sensorial e às formas de interação social frequentemente associadas ao TEA.

Partindo dessas considerações, este artigo analisa a representação de experiências associadas ao autismo na HQ brasileira *Nori e eu*, de Masanori Ninomiya e Sonia Ninomiya (2019). A obra apresenta episódios do cotidiano do personagem Nori e de sua família, construindo uma narrativa que articula experiências de convivência, aprendizagem e adaptação relacionadas ao autismo. A escolha por esta obra justifica-se por sua abordagem autobiográfica e por sua organização narrativa, que alterna as perspectivas da mãe e do próprio personagem, permitindo uma representação multifacetada da experiência autista.

A análise adota uma abordagem qualitativa centrada na leitura da narrativa gráfica, considerando os quadrinhos como uma linguagem estruturada pela articulação entre diferentes elementos visuais e textuais. O procedimento analítico concentra-se na observação de aspectos formais da obra a fim de compreender como esses elementos contribuem para a construção da representação de experiências associadas ao autismo.

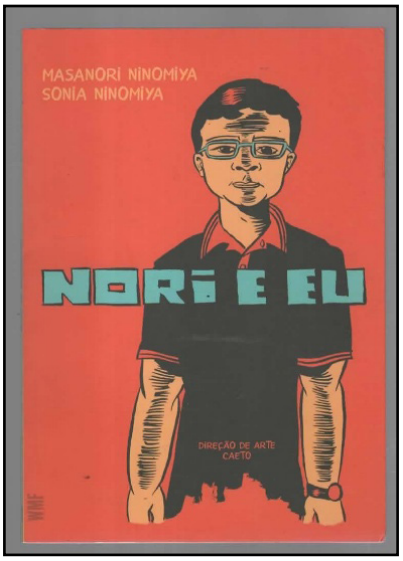
Para fundamentar essa abordagem, mobilizam-se contribuições teóricas de autores dedicados à compreensão da linguagem dos quadrinhos. No contexto brasileiro, destaca-se o trabalho de Paulo Ramos, que discute os quadrinhos como uma linguagem estruturada por convenções narrativas e gráficas. Segundo o autor: "As histórias em quadrinhos representam aspectos da oralidade e reúnem os principais elementos narrativos, apresentados com o auxílio de convenções que formam o que estamos chamando de linguagem dos quadrinhos" (Ramos, 2009, p. 18).

No âmbito internacional, Scott McCloud define os quadrinhos como "imagens justapostas em sequência deliberada" (McCloud, 2005, p. 9), destacando a importância da sequencialidade e da relação entre quadros na construção da narrativa. Segundo o autor, a leitura dos quadrinhos envolve processos cognitivos por meio dos quais o leitor estabelece relações entre quadros sucessivos para construir a continuidade da ação.

Outra contribuição fundamental foi formulada por Thierry Groensteen, que propõe compreender os quadrinhos como um sistema de relações entre os quadros. Em sua abordagem, a página não funciona apenas como suporte para a sequência narrativa, mas como um espaço estruturado no qual diferentes elementos visuais estabelecem relações entre si. A leitura dos quadrinhos envolve tanto a progressão sequencial entre quadros quanto a percepção global da página como uma unidade visual integrada (Groensteen, 2015, p. 47).

Essas contribuições teóricas permitem compreender os quadrinhos como uma linguagem complexa, caracterizada pela interação entre elementos visuais e verbais, pela organização espacial da página e pela construção sequencial da narrativa. Ao mesmo tempo, evidenciam que esse meio possui recursos expressivos capazes de representar experiências subjetivas de maneira singular.

Figura 1 – Capa da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

ENTRE QUADROS E PERCEPÇÕES: NARRATIVAS DO AUTISMO EM NORI E EU

A análise de *Nori e eu* permite observar como a linguagem dos quadrinhos mobiliza recursos narrativos e visuais específicos para representar experiências associadas ao autismo. Mais do que tematizar o TEA, a obra constrói sentidos por meio de escolhas formais que organizam a leitura, modulam o ritmo narrativo e estruturam visualmente situações de percepção, interação e convivência. A representação de experiências associadas ao autismo não se dá apenas pelo conteúdo narrado, mas também pela maneira como a narrativa gráfica articula quadros, páginas, enquadramentos, textos e imagens.

É importante ressaltar que a obra não pretende representar "o autismo" de forma geral, mas sim apresentar uma experiência singular — a trajetória de Nori, situada histórica e socialmente, com suas especificidades, desafios e conquistas. Essa distinção é fundamental para evitar generalizações e reconhecer a diversidade de experiências que compõem o espectro autista.

Sequencialidade e construção da experiência

Nos estudos de quadrinhos, a noção de sequencialidade refere-se à organização deliberada de imagens em uma sucessão de quadros que, quando interpretados em conjunto, produzem a continuidade narrativa. O significado narrativo não se encontra apenas em cada imagem isoladamente, mas na articulação entre os quadros ao longo da leitura.

O primeiro aspecto relevante da obra diz respeito à organização sequencial da narrativa. Em *Nori e eu*, a organização sequencial é fundamental para a construção narrativa da vivência do personagem. A história se desenvolve a partir de episódios do cotidiano, pequenas ações e interações recorrentes que ganham significado por meio de sua articulação progressiva. Em vez de depender de grandes acontecimentos, a obra organiza sua narrativa a partir de cenas cotidianas, nas quais gestos, reações e interações familiares se tornam centrais.

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, essa estrutura narrativa pode ser associada ao modo como muitas pessoas autistas organizam a experiência: por meio de sequências de eventos concretos, padrões reconhecíveis e rotinas que conferem previsibilidade ao ambiente. A sequencialidade dos quadrinhos, nesse sentido, não é apenas um recurso formal, mas uma estratégia narrativa que ressoa com modos específicos de perceber e estruturar a experiência temporal.

Essa escolha formal permite acompanhar o autismo não como um conceito abstrato, mas como uma vivência situada, construída gradualmente no interior da rotina. A sequencialidade possibilita que o leitor acompanhe a temporalidade das situações vividas pelo personagem e perceba como determinados comportamentos se repetem ou se transformam ao longo da história. Esse procedimento torna-se relevante quando se considera que o autismo não é apresentado como uma essência fixa, mas como algo que se manifesta em interações concretas, em respostas ao ambiente e em modos de relação com os outros.

A articulação entre quadros sucessivos permite registrar essas nuances, evidenciando continuidades, pausas e repetições. A sequencialidade contribui para a representação de experiências associadas ao autismo ao construir uma narrativa que acompanha processos, e não apenas estados. Em diferentes passagens, a sucessão de quadros desacelera a leitura, destacando pequenos movimentos, expressões ou reações. Esse uso do ritmo narrativo conduz o leitor a uma observação mais atenta do detalhe e da duração de determinadas situações.

Em vez de conduzir rapidamente a ação, a narrativa insiste em momentos aparentemente simples, mas densos em significação. Esse prolongamento do olhar aproxima o leitor de uma percepção menos apressada do cotidiano do personagem.

Organização da página e percepção sensorial

Além da sequencialidade, a organização da página também desempenha papel importante na construção da narrativa e ao modo como ela contribui para a representação de experiências perceptivas e sensoriais. A contribuição de Groensteen (2015) é particularmente importante, uma vez que seu trabalho destaca que os quadrinhos devem ser lidos como sistema de relações visuais organizadas no espaço da página.

A disposição dos quadros, a variação de tamanho das imagens, o enquadramento e a distribuição do espaço gráfico podem funcionar como modos de orientar o olhar do leitor e sugerir intensidades perceptivas distintas. Em passagens em que o ambiente ou as interações adquirem maior peso na experiência do personagem, a composição visual pode enfatizar certos elementos da cena, destacando-os no conjunto da página.

Esse aspecto é particularmente relevante para a representação de percepções sensoriais, uma vez que a literatura psicológica tem destacado diferenças no processamento sensorial como uma característica central do autismo (Bogdashina, 2003; Robertson; Baron-Cohen, 2017). Muitas pessoas autistas descrevem experiências de hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos visuais, auditivos, táteis ou olfativos, o que pode resultar em sobrecarga sensorial em determinados contextos.

Os quadrinhos oferecem recursos para sugerir excesso, repetição, saturação ou concentração perceptiva. A intensificação de elementos visuais, a repetição de enquadramentos, a fragmentação do espaço da página pode funcionar como estratégias para aproximar o leitor de modos específicos de percepção do ambiente. A página não é apenas suporte da narrativa, mas parte constitutiva do significado. Quando a composição visual destaca um gesto, um objeto ou uma situação de interação, ela produz uma leitura sensível da cena.

Em uma obra que aborda experiências associadas ao autismo, isso é importante porque permite representar experiências que envolvem estímulos, reações e formas de atenção ao mundo de maneira visualmente estruturada. A disposição dos elementos na página pode sugerir, por exemplo, a intensidade com que determinados estímulos são percebidos ou a dificuldade de filtrar informações irrelevantes em ambientes com muitos estímulos concorrentes.

Texto, imagem e interação social

A relação entre texto e imagem constitui outro elemento fundamental da linguagem dos quadrinhos. Paulo Ramos (2009) chama atenção para o fato de que a leitura dos quadrinhos depende da interpretação integrada de múltiplos elementos gráficos e verbais. Na obra, a produção de sentido resulta da articulação entre aquilo que é apresentado visualmente e aquilo que é enunciado por meio de falas, legendas ou outras formas de texto.

Essa relação torna-se significativa quando se considera a abordagem de experiências associadas ao autismo, uma vez que muitas situações envolvem modos de comunicação e interação social. A psicologia do desenvolvimento tem destacado que as diferenças na comunicação social são uma das características centrais do autismo, envolvendo desde dificuldades na compreensão de pistas sociais até formas alternativas de expressão e interação (Frith, 2003; Happé, 1999).

Em vez de depender apenas de explicações sobre o comportamento do personagem, a obra permite que determinadas relações se construam no intervalo entre texto e imagem. Will Eisner (2005) ressalta que a narrativa em quadrinhos resulta da interação entre texto e imagem. Em determinadas passagens, o texto funciona como contextualização, enquanto a imagem apresenta elementos que ampliam ou tensionam aquilo que é verbalizado. Em outras, a dimensão visual assume protagonismo e o texto se reduz, produzindo uma leitura na qual gestos, expressões e distâncias entre personagens se tornam decisivos.

A interação social é construída menos como conceito abstrato e mais como experiência encenada visualmente. A linguagem dos quadrinhos permite mostrar aproximações, desencontros, dificuldades de comunicação e respostas afetivas por meio da disposição dos corpos, do enquadramento das cenas e da combinação entre fala e silêncio. A ausência ou redução do texto em certas sequências desloca para a imagem a responsabilidade de sugerir sentidos, o que pode ser particularmente relevante para representar experiências de comunicação não verbal ou de processamento alternativo da linguagem.

ANÁLISE DE IMAGENS EM NORI E EU

Crise e interação social

A sequência na página 13 exemplifica como os quadrinhos mobilizam recursos visuais e narrativos para representar situações de tensão associadas à experiência do autismo. A cena

é construída por dois quadros que articulam a interação entre Nori e os adultos, evidenciando um momento de crise envolvendo resistência, frustração e dificuldade de mediação social.

Figura 2 – Pág. 13 da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

No primeiro quadro, observa-se a tentativa dos adultos de conduzir o personagem para dentro do espaço doméstico. A mãe dirige-se a ele com a fala “Calma, filho! Venha, vamos entrar, solte o batente”. A composição enfatiza a tensão entre o movimento do personagem e a ação dos adultos: Nori segura firmemente a porta, posicionando-se corporalmente de maneira oposta à direção proposta. A postura do corpo, inclinado para fora e agarrado ao batente, visualiza a resistência física à ação solicitada.

Essa construção visual evidencia como os quadrinhos podem representar estados emocionais por meio da expressividade corporal. Em vez de explicar verbalmente a situação, a narrativa gráfica permite que o leitor compreenda a tensão a partir da disposição dos corpos, das linhas de movimento e da relação espacial entre os personagens. Do ponto de vista psicológico, a cena pode ser interpretada como uma representação de sobrecarga sensorial ou de dificuldade em transitar entre atividades, fenômenos frequentemente descritos por pessoas autistas e suas famílias.

No segundo quadro, a sequência apresenta o desdobramento da ação. O personagem aparece no chão, em posição de choro intenso, acompanhado da onomatopeia “BUÁÁÁ!!”. A mudança de enquadramento — que aproxima o leitor do personagem — enfatiza a intensidade emocional da cena. Ao deslocar o foco narrativo para a expressão do choro, o quadro amplia o impacto emocional do episódio.

Do ponto de vista da sequencialidade, a transição entre os dois quadros constrói uma progressão clara: da tentativa de condução à explosão emocional. O intervalo entre os quadros permite que o leitor compreenda a intensificação da situação, transformando a passagem

de um quadro ao outro em um momento decisivo da narrativa. Essa estrutura sequencial pode ser compreendida como uma representação da dificuldade de regulação emocional e da intensidade com que determinados estímulos ou transições são vivenciados.

A articulação entre texto e imagem também é relevante. No primeiro quadro, o texto aparece como tentativa de mediação; no segundo, o texto se reduz à onomatopeia do choro, que funciona como intensificação sonora da emoção. Essa dinâmica evidencia como os quadrinhos permitem representar situações de interação social complexas por meio da combinação entre elementos verbais e visuais.

Explicação conceitual do autismo

O autismo, atualmente denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades, conforme os critérios diagnósticos estabelecidos pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5-TR), da American Psychiatric Association (APA, 2023), e pela Classificação Internacional de Doenças (CID-11), da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022). Trata-se de uma condição heterogênea, cuja manifestação varia amplamente entre os indivíduos quanto à linguagem, ao funcionamento cognitivo, à autonomia, às habilidades adaptativas e às características sensoriais. A literatura contemporânea ressalta, contudo, que a compreensão do autismo não deve restringir-se à descrição de déficits ou sintomas, uma vez que as experiências autísticas também envolvem diferentes formas de percepção, processamento de informações, atenção, comunicação e interação com o ambiente. Nesse sentido, abordagens contemporâneas, incluindo perspectivas da neurodiversidade, propõem compreender o autismo como uma variação do neurodesenvolvimento, sem desconsiderar as necessidades de suporte que podem estar presentes em diferentes contextos e momentos da vida. A definição clínica, portanto, constitui apenas uma dimensão de um fenômeno mais amplo, que envolve aspectos neurobiológicos, psicológicos, sociais, culturais e discursivos. Essa multiplicidade de perspectivas é particularmente relevante para a análise de representações do autismo em produções culturais – como os quadrinhos, uma vez que as narrativas midiáticas e artísticas não apenas refletem conhecimentos previamente estabelecidos sobre a condição, mas também participam ativamente da construção social de seus significados.

Nesse cerne, a página 50 apresenta um momento narrativo distinto, introduzindo uma dimensão explicativa. Em vez de representar diretamente uma situação vivida por Nori, a página oferece informações sobre o autismo por meio de blocos textuais inseridos no espaço visual da cena. A mudança de procedimento narrativo é significativa, pois desloca momentaneamente a

obra do plano da experiência particular para o da explicitação conceitual. O autismo deixa de ser apresentado exclusivamente por meio das ações, comportamentos e experiências da personagem e passa a ser também objeto de uma explicação dirigida ao leitor. A página, portanto, estabelece uma articulação entre narrativa e informação, aproximando a linguagem da HQ de uma função didático-expositiva sem abandonar sua dimensão verbo-visual.

Essa estratégia merece atenção porque evidencia que a representação do autismo na obra não se constrói apenas pela caracterização da personagem, mas também pela mobilização de discursos socialmente reconhecidos como explicativos ou científicos. Ao inserir informações conceituais no interior da narrativa, a obra estabelece uma mediação entre o conhecimento sobre o autismo e a experiência particular de Nori, orientando o leitor na interpretação dos acontecimentos apresentados. A página funciona, assim, como uma espécie de dispositivo de enquadramento interpretativo: aquilo que anteriormente poderia ser percebido apenas como comportamento individual passa a ser relacionado a uma condição do neurodesenvolvimento. Nesse movimento, a HQ não apenas representa o autismo, mas também participa da produção e da circulação de determinados modos de compreendê-lo.

Sob essa perspectiva, interessa-nos observar precisamente essa articulação entre informação e narrativa. A explicação apresentada na página não deve ser tomada como elemento externo ou meramente complementar à história, uma vez que sua inserção na materialidade da HQ interfere no modo como o leitor constrói sentidos sobre a personagem e sobre o próprio autismo. A combinação entre texto, composição visual, enquadramento e sequência narrativa transforma o conhecimento conceitual em elemento constitutivo da experiência de leitura. Desse modo, a página 50 constitui um ponto particularmente relevante para investigar como saberes provenientes do campo clínico e científico são apropriados, traduzidos e reinscritos em uma linguagem artística e cultural.

Essa passagem também permite problematizar a relação entre representação e discurso científico. Ao explicar o autismo ao leitor, a obra assume, ainda que momentaneamente, uma posição enunciativa distinta daquela predominante na narrativa ficcional, produzindo um efeito de autoridade explicativa. Torna-se necessário, portanto, examinar quais aspectos do autismo são selecionados para serem apresentados, quais são omitidos, que vocabulário é empregado e de que maneira essa seleção contribui para determinada construção discursiva da condição. A análise dessa página, articulada aos referenciais psicológicos aqui mobilizados, permite verificar não apenas se a representação corresponde a concepções contemporâneas do autismo, mas sobretudo como o conhecimento sobre a condição é transformado em recurso narrativo e em estratégia de mediação cultural.

Figura 3 – Pág. 50 da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

A cena é marcada por um enquadramento amplo de uma biblioteca, ambiente associado ao conhecimento e à pesquisa. Os três blocos textuais estruturam a leitura: o primeiro apresenta uma definição geral do autismo como transtorno neurobiológico; os seguintes abordam características como dificuldades de comunicação e padrões comportamentais repetitivos.

É significativo que essas informações não apareçam como texto corrido isolado, mas incorporadas ao espaço visual da página. Essa disposição permite que o leitor percorra visualmente o ambiente da biblioteca enquanto lê os blocos textuais, criando relação entre o espaço representado e o conteúdo informativo. Enquanto os blocos textuais apresentam informações, as figuras humanas realizam atividades associadas à leitura e pesquisa. Essas ações funcionam como metáforas visuais da busca por compreensão, sugerindo que o conhecimento sobre o autismo se constrói por meio de investigação e aprendizagem.

A página evidencia a capacidade dos quadrinhos de articular informação conceitual e representação visual em uma mesma estrutura narrativa. Ao inserir explicações no interior da cena gráfica, a obra evita separar rigidamente exposição teórica e narrativa. No entanto, é importante notar que essa página, ao apresentar informações gerais sobre o autismo, pode sugerir uma visão homogênea da condição, quando o próprio conceito de espectro enfatiza a diversidade de experiências. A análise da obra como um todo, contudo, relativiza essa impressão ao apresentar a trajetória singular do personagem.

Percepção sensorial e experiência do personagem

A página 55 apresenta uma organização visual que reúne múltiplas atividades da rotina do personagem em um mesmo campo visual. O elemento textual “Sua agenda é cheia” funciona como eixo interpretativo. A página apresenta atividades como natação, terapia, fonoaudiologia, inglês, atividades escolares e desenho, cada uma representada em pequenos núcleos narrativos integrados à composição geral.

Figura 4 – Pág. 55 da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

Essa organização evidencia um uso particular da página como espaço de simultaneidade narrativa. Groensteen (2015) observa que a página deve ser compreendida como um sistema de relações visuais. A cena reúne múltiplos momentos da rotina em um mesmo campo visual, permitindo que o leitor perceba simultaneamente a diversidade de atividades. A imagem do personagem nadando, posicionada na parte superior e atravessando diagonalmente a composição, funciona como eixo que conecta as diferentes atividades, sugerindo movimento e continuidade.

Essa estratégia permite representar o cotidiano não como sequência linear de eventos isolados, mas como conjunto complexo de atividades interligadas. Do ponto de vista da psicologia, essa estrutura visual pode ser associada à experiência de muitas pessoas autistas, para quem a rotina e a previsibilidade são elementos centrais de organização da vida diária. A representação da agenda como um campo visual integrado sugere a densidade e a complexidade do cotidiano do personagem, que envolve múltiplos compromissos terapêuticos e educacionais.

A diversidade de contextos representados — espaços terapêuticos, educativos e momentos de prática individual — evidencia que a experiência do personagem se constrói na interação entre diferentes espaços sociais. A presença de profissionais indica a dimensão institucional do acompanhamento, enquanto outras cenas mostram atividades de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades. Pequenos blocos textuais identificam as atividades, funcionando como marcadores narrativos que organizam a leitura. Cada bloco está associado a uma cena específica, permitindo que o leitor compreenda simultaneamente a natureza da atividade e sua inserção no cotidiano.

A sobreposição visual das atividades cria sensação de acúmulo e densidade narrativa. A representação de atividades de aprendizagem — como uso da internet em diferentes idiomas — amplia a compreensão da experiência para além do campo terapêutico, apresentando também aspectos de autonomia e desenvolvimento pessoal. Essa página, portanto, não apenas descreve a rotina do personagem, mas a organiza visualmente de modo a comunicar a complexidade de sua experiência cotidiana.

Autobiografia e contexto histórico

A página 61 apresenta um momento de introdução autobiográfica. A sequência inicia-se com “Olá! Vamos conhecer a minha história: eu nasci lá no Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1985”, acompanhada de imagem que associa o nascimento à paisagem urbana da cidade.

Figura 5 – Pág. 61 da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

Essa abertura evidencia recurso frequente em histórias autobiográficas em quadrinhos: a articulação entre relato pessoal e contextualização histórica. Ao apresentar simultaneamente o nascimento do personagem e referências ao contexto político e social, a narrativa amplia o alcance da história individual. O segundo quadro mostra o funeral do presidente Tancredo Neves, com texto que menciona sua morte no mesmo ano do nascimento de Nori. A cena sugere momento de luto coletivo que marcou a história política brasileira. Nos quadros inferiores, aparecem representações de Ronald Reagan e do papa João Paulo II, ampliando a dimensão contextual para o cenário internacional.

A página constrói uma progressão que parte da história individual para alcançar escala histórica mais ampla. A sucessão dos quadros conduz o leitor de um evento íntimo para acontecimentos públicos e globais, evidenciando como os quadrinhos podem articular diferentes escalas narrativas. Embora não trate diretamente do autismo, a página desempenha papel importante ao estabelecer o ponto de partida da trajetória do personagem. Ao situar o nascimento dentro de contexto histórico específico, a obra prepara o leitor para compreender o desenvolvimento da história.

Experiência escolar, sequencialidade narrativa e interação social

A página 70 apresenta um episódio da adolescência do personagem. A sequência inicia-se situando temporalmente a narrativa em 1998, com referências culturais como a Copa do Mundo e a morte de Tim Maia e Akira Kurosawa. Esse recurso de contextualização histórica contribui para situar a trajetória individual dentro de contexto cultural mais amplo.

Figura 5 – Pág. 70 da HQ Nori e eu



Fonte: Nori e eu (2019)

Nos quadros seguintes, a narrativa desloca o foco para a experiência escolar. O ingresso em curso de inglês é apresentado como marco, mas a sequência evidencia dificuldades relacionadas à dinâmica social. Em uma cena, o personagem relata ter impedido o irmão de trocar dinheiro na cantina devido ao tamanho da fila, sugerindo interpretação literal e preocupação com regras. Essa cena pode ser lida à luz da psicologia cognitiva, que frequentemente associa o autismo a dificuldades na compreensão de contextos sociais implícitos e à tendência a interpretações literais (Frith, 2003).

A página também explora elementos visuais para representar interesses específicos. O interesse de Nori pela série *Pokémon* — frequentemente associado a padrões de interesse intensos — é acompanhado por imagem em que as criaturas aparecem ao redor do personagem. Esse recurso visual funciona como metáfora gráfica que representa o universo de interesses do personagem, evidenciando como os quadrinhos podem representar dimensões subjetivas da experiência por meio de estratégias visuais.

A sequência final apresenta situação de conflito no ambiente escolar. A professora repreende o personagem por imitar sons relacionados à série, afirmando que aquele tipo de brincadeira não é permitido. A fala final do narrador — "para mim, a experiência não deu certo e saí no final de 2000" — sintetiza o desfecho e reforça o impacto dessas interações. Essa sequência permite observar como a linguagem dos quadrinhos contribui para representar experiências associadas à interação social e à vivência escolar. A articulação entre texto e imagem permite integrar as ações do personagem, as reações dos envolvidos na cena e os elementos do ambiente narrativo em uma mesma construção visual.

A cena também evidencia como a experiência do personagem é construída a partir da relação entre suas características individuais e as respostas produzidas pelo ambiente em que está inserido. Nesse sentido, a narrativa não apresenta o comportamento de forma isolada, mas o situa em uma rede de interações sociais na qual gestos, falas e reações adquirem significado. A composição dos quadros contribui para esse processo ao colocar em relação a expressão corporal do personagem, as falas dos demais participantes e os elementos do espaço escolar. A sequência, portanto, ultrapassa a simples descrição de um episódio cotidiano e produz uma representação das dificuldades de interação e pertencimento vivenciadas pelo personagem, permitindo ao leitor acompanhar não apenas o acontecimento, mas também seus efeitos sobre a experiência subjetiva narrada.

Síntese da análise das imagens

As sequências analisadas ao longo desta seção evidenciam como *Nori e eu* mobiliza diferentes recursos da linguagem dos quadrinhos para construir a narrativa da experiência do

personagem. A análise das páginas demonstrou que elementos como a sequencialidade dos quadros, a organização visual da página e a articulação entre texto e imagem desempenham papel central na produção de sentido. Esses recursos permitem representar diferentes momentos da trajetória do personagem, incluindo episódios de crise, experiências escolares, processos de contextualização autobiográfica e momentos de explicação conceitual sobre o autismo.

A progressão sequencial das cenas permite acompanhar o desenvolvimento das situações narradas e observar como ações aparentemente simples do cotidiano adquirem significado dentro da narrativa. Ao mesmo tempo, a composição visual das páginas orienta o olhar do leitor e destaca gestos, expressões e relações espaciais entre os personagens, contribuindo para tornar perceptíveis aspectos da experiência vivida. A interação entre elementos verbais e visuais, por sua vez, possibilita que a narrativa articule simultaneamente informação, memória e representação de situações sociais.

Do ponto de vista psicológico, a análise permite identificar como a obra representa aspectos frequentemente associados ao autismo — como diferenças na percepção sensorial, na comunicação social e na organização da experiência — por meio de recursos próprios da narrativa gráfica. A sequencialidade, por exemplo, pode ser compreendida como uma forma de representar a importância da rotina e da previsibilidade; a organização da página, como um modo de sugerir intensidades perceptivas e sobrecarga sensorial; a articulação entre texto e imagem, como uma estratégia para representar modos específicos de comunicação e interação.

A presença de duas perspectivas narrativas — a da mãe, Sonia Ninomiya, e a do próprio Nori — amplia essa construção ao articular o olhar da família com a experiência autobiográfica do personagem. Essa alternância de vozes contribui para construir uma narrativa que integra diferentes modos de percepção da experiência do autismo, evitando uma visão unilateral ou redutora.

É importante destacar que a obra não representa "o autismo" de forma generalizada, mas sim uma experiência particular — a de Nori, com suas características, desafios e modos de relação com o mundo. Essa distinção é fundamental para compreender o potencial dos quadrinhos como meio de representação de experiências subjetivas, sem reduzir a diversidade do espectro autista a uma única forma de vivência.

Desse modo, a análise da obra demonstra que a linguagem dos quadrinhos desempenha papel fundamental na construção dessa representação. A articulação entre sequencialidade, composição visual da página e interação entre texto e imagem permite tornar visíveis dimensões da experiência que envolvem percepção, interação social e construção autobiográfica. *Nori*

e eu evidencia o potencial da narrativa gráfica para representar experiências subjetivas complexas e contribui para o diálogo entre os estudos de quadrinhos e reflexões provenientes da psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo buscou discutir de que maneira a linguagem dos quadrinhos pode contribuir para a representação de experiências associadas ao autismo. A partir do diálogo com contribuições teóricas dos estudos de quadrinhos e da psicologia, e da análise de recursos formais presentes na narrativa, foi possível evidenciar como elementos como a sequencialidade dos quadros, a organização visual da página e a articulação entre texto e imagem participam da construção de sentidos relacionados à experiência do autismo.

Os resultados indicam que os quadrinhos apresentam um potencial expressivo particular para representar dimensões subjetivas da experiência humana. Ao integrar imagem, texto e organização espacial da página, essa linguagem permite construir formas narrativas capazes de explorar diferentes níveis de percepção e significado, oferecendo recursos específicos para representar experiências cognitivas e sensoriais complexas. A análise de Nori e eu demonstrou que a obra mobiliza esses recursos de maneira consistente, construindo uma narrativa que articula episódios do cotidiano, experiências escolares, interesses pessoais e momentos de crise e superação.

A ampliação do referencial teórico em psicologia, com a incorporação de contribuições da psicologia do desenvolvimento, da psicologia cognitiva e dos estudos da neurodiversidade, permitiu uma aproximação mais consistente entre a análise formal dos quadrinhos e a compreensão das experiências subjetivas associadas ao autismo. Em vez de uma abordagem exclusivamente descritiva ou clínica, foi possível compreender como a narrativa gráfica constrói sentidos que dialogam com diferentes dimensões da experiência autista — desde o processamento sensorial até as formas de interação social e comunicação.

A análise de narrativas que abordam o autismo contribui não apenas para o debate sobre representações culturais da neurodiversidade, mas também para o aprofundamento das discussões sobre a linguagem dos quadrinhos. Ao evidenciar como recursos gráficos e narrativos podem ser mobilizados para representar experiências perceptivas e sociais específicas, essas obras ampliam a compreensão das possibilidades expressivas da narrativa gráfica enquanto meio de representação.

Ainda assim, é importante reconhecer que a representação de experiências associadas ao autismo em obras como *Nori e eu* deve ser lida com atenção às especificidades da trajetória narrada, sem generalizações que apaguem a diversidade do espectro. A obra apresenta uma

experiência singular — a de Nori e sua família — situada em um contexto histórico e social particular. Essa singularidade não reduz seu valor, mas exige do leitor uma compreensão atenta às particularidades da narrativa.

O diálogo entre estudos de quadrinhos e debates contemporâneos sobre diferença cognitiva abre novas perspectivas de investigação para o campo. A análise de narrativas gráficas que exploram experiências subjetivas complexas contribui tanto para ampliar o repertório crítico dos estudos de quadrinhos quanto para aprofundar a compreensão das formas culturais por meio das quais diferentes experiências humanas são representadas e compartilhadas. Pesquisas futuras poderão investigar outras obras e contextos, ampliando o escopo das análises e aprofundando o diálogo entre os campos envolvidos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BOGDASHINA, Olga. **Sensory perceptual issues in autism and Asperger syndrome**: different sensory experiences, different perceptual worlds. London: Jessica Kingsley Publishers, 2003.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRITH, Uta. **Autism**: explaining the enigma. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Tradução de Érico Assis. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

HAPPÉ, Francesca. **Autism**: an introduction to psychological theory. London: UCL Press, 1999.

KAPP, Steven K. (Ed.). **Autistic community and the neurodiversity movement**: stories from the frontline. Singapore: Palgrave Macmillan, 2020.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

NINOMIYA, Masanori; NINOMIYA, Sonia. **Nori e eu**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROBERTSON, Caroline E.; BARON-COHEN, Simon. Sensory perception in autism. Nature Reviews Neuroscience, v. 18, n. 11, p. 671-684, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International classification of diseases, eleventh revision (ICD-11).** Geneva: World Health Organization, 2022.

Sobre o autor:

Alessandra Hypolita Drumond Valle Silva Lopes

Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG). Mestre em Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG). Graduada e licenciada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e graduada em Letras pela Faculdade Estácio de Sá. Pós-graduada em Neuropsicologia e Análise do Comportamento aplicada ao autismo e outras neurodivergências, ambas pelo Centro Universitário UNA.
https://orcid.org/0000-0002-6930-5510 • alessandra@animarh.net.br

Nataniel dos Santos Gomes

Graduação em Letras (Português / Literatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), pós-doutor em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019). É professor da graduação e do programa de pós-graduação (Mestrado Acadêmico em Letras e Mestrado Profissional em Letras) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Campo Grande, e do Programa de Pós-Graduação de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
https://orcid.org/0000-0003-3911-1552 • nataniel@uems.br

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro

Lielson Zeni

Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

LOPES, A. H. D. V. S.; GOMES, N. S. A linguagem dos quadrinhos e a representação do autismo em *Nori e eu*: contribuições dos estudos de quadrinhos para o diálogo com a psicologia. **Letras**, v. 35, n. 74, e95717, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95717. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95717. Acesso em: XX/XX/XXXX